

## **A Campanha da Fraternidade sobre Educação: desafios e mudanças**

Referência: KLEIN, Luiz Fernando. "A Campanha da Fraternidade sobre Educação: Desafios e Mudanças". Aula inaugural. Rio de Janeiro: Centro Loyola de Fé e Cultura, 18/3/1998.

### A CNBB e a educação: de 1982 a 1998

A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) tem manifestado, diversas vezes, sua preocupação quanto à educação no país e oferecido orientações para a evangelização neste campo. A 19a. Campanha da Fraternidade, em 1982, teve como lema *A verdade vos libertará*.<sup>[2]</sup> Em 1986 a CNBB publicava o subsídio *Para uma pastoral da educação*, visando a clarificar conceitos e a sugerir pistas para essa modalidade de sua ação evangelizadora. Na 28a. Assembléia Geral, em 1990 os bispos publicavam o instrumento de trabalho: *Educação: exigências cristãs*, amplamente refletido e enriquecido em diversas instâncias da Igreja no Brasil até culminar no documento principal da 30a. Assembléia Geral, em 1992: *Educação, Igreja e Sociedade*.

A Campanha de 1982 desenvolvia-se no contexto do regime militar, *tempo de conflito, distâncias e dominações*, (Texto-base, p.1) sendo a opressão o dado mais emergente da análise da realidade feita então pela CNBB. A verdade da pessoa, da vida e da mensagem de Jesus Cristo era a proposta para libertar a vida pessoal e social da tirania do pecado em suas múltiplas formas. Na sua Assembléia Geral de 1992 os bispos denunciavam a desesperança e a falta de propostas para tirar a educação da sua crise crônica e ofereceram ao país elementos para elaborar projetos de superação. A exclusão produzida pelas políticas neoliberais é o dado clamoroso que se destaca na Campanha da Fraternidade de 1998, tendo como proposta de solução a educação plena da pessoa e a articulação de forças em torno de alguns 'mutirões' nacionais.

No presente artigo apresentaremos os destaques do texto-base da Campanha deste ano seguindo a tríplice estrutura: ver, julgar e agir; , sublinharemos algumas recomendações específicas para a escola e concluiremos com a apresentação de um enfoque de personalização da educação.

### A Campanha da Fraternidade de 1998

A presente Campanha da Fraternidade ocorre no contexto da preparação eclesial para a chegada do terceiro milênio do Cristianismo; da aplicação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), promulgada em dezembro de 1996; do 50o. aniversário da declaração da ONU sobre os Direitos Humanos e das eleições nacionais.

O referencial de análise, de juízo e de ação da Campanha é a pessoa, a mensagem e a missão de Jesus Cristo; o projeto de Deus para o ser humano; a proposta de educação evangelizadora e libertadora e da opção preferencial pelos pobres, apresentadas nas conferências do episcopado latinoamericano em Medellín; Puebla e Santo Domingo e o programa da Igreja para a nova evangelização.

A Campanha anuncia quatro objetivos: 1) ajudar as pessoas a se realizarem, 2) favorecer comunidades participativas e fraternas, 3) estimular o exercício da cidadania e 4) colaborar na erradicação do analfabetismo. Pessoa, comunidade e sociedade são os três focos de abordagem do tema.

Fraternidade a serviço da educação para que esta promova a cidadania é o tema da Campanha. Como fez nos documentos anteriores, a CNBB trata aqui a educação em sentido amplo, como a que ocorre espontaneamente nas relações e instâncias sociais e também no sentido estrito: a que se realiza de modo intencionado e organizado na escola. Trata-se da

*"...busca constante que pessoas e grupos fazem para construir sua própria identidade e sua história. É o empenho em vista do processo de humanização e personalização, para uma atuação transformadora na sociedade, segundo o ideal de justiça e solidariedade" (n. 88).*

O lema da CF-98, *a serviço da vida e da esperança*, procede do objetivo proclamado pela CNBB nas *Diretrizes Gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil 1995-1998*. Diante da disseminada 'cultura de morte', os bispos identificam sementes de esperança nos anseios do ser humano e nos sinais dos tempos e pessoas e enfatizam a necessidade de se incrementar a esperança dos evangelizadores, à luz do Cristo vitorioso, para implantarem uma nova cultura que privilegie a vida, em todas as suas dimensões, para todos.

Estruturado no conhecido esquema ver-julgar-agir, o texto-base não se arvora em um tratado científico da educação, mas, com dados seguros da realidade, coletados sob a ótica evangelizadora, oferece um ponto de partida que estimule pessoas e grupos a colaborarem para o seu enriquecimento.

A realidade desvelada: mudanças e exclusão social

Na 1a.parte o texto-base analisa a realidade a partir de três ângulos: 1) o senso comum popular sobre o conceito de educação, 2) os dados sócioeconômicos sobre a educação no Brasil, 3) os indicadores da influência das mudanças no mundo contemporâneo na educação.

As falas do povo, recolhidas em situações variadas, denotam sua convicção da necessidade do aperfeiçoamento das capacidades da pessoa como um processo contínuo e indispensável para saber conviver, comunicar-se e participar da comunidade; conhecer e defender os próprios direitos; exercer a cidadania com fraternidade; fazer descobertas e produzir mudanças; refletir sobre as experiências de vida, desenvolver a vivência religiosa em Igreja.

Os dados estatísticos são coletados de organismos particulares, oficiais e da imprensa, denotando que o processo educacional no Brasil tem piorado sensivelmente, em diversos aspectos: volume de matrículas; duração da escolaridade; permanência, repetência e evasão escolar; analfabetismo; investimento de recursos; remuneração e formação de docentes.

Os indicadores sociais chocam:

- o crescimento da escolaridade de 1960 a 1990 foi inferior ao esperado;
- o Brasil está em posição educacional inferior aos países vizinhos;
- estão fora da escola quase 3 milhões de crianças e jovens entre 7 e 17 anos;
- apenas 51% do total de alunos da 1a.s. são promovidos;
- de 100 alunos que entram na 1a.s., 33 chegam ao Ensino Médio;

- decaiu, mas permanece muito alto o número de analfabetos: 32 milhões;
- o Brasil recuou de 90o. para 93o. país quanto à alfabetização de adultos;
- o Brasil tem um dos menores percentuais de jovens da A.L. no ensino superior;
- na Alfabetização um entre quatro professores tem o 1o. grau incompleto.

Exclusão, marginalização e apartação social são as categorias mais evidentes da análise da realidade educacional. A escolaridade desigual no Brasil mostra que estão em desvantagem alunos pobres, de cor negra, do sexo feminino, da área rural e do Nordeste.

O texto-base reage contra uma consideração meramente técnica ou funcional do analfabetismo, que poderia iludir a opinião pública com a idéia de que o Brasil tem melhorado na solução desse problema. Já dizia, a esse respeito o texto-base da Campanha da Fraternidade de 1982:

*"Percebe-se no entanto, que a preocupação básica nos processos aplicados é melhorar a imagem do país comparada à de outras nações, na visão tecnicista que privilegia rentabilidade em termos estatísticos. Essa forma de alfabetização é pouco relevante para o povo, uma vez que seu resultado se reduz muitas vezes no aprendizado da combinação de letras e desenho do próprio nome. Pouco ajuda o povo a interpretar e transformar a situação em que vive"* (n. 2.5.2 e 2.5.3).

Por isso, a Campanha de 1998 alerta para o fato de que *há muitas outras formas de analfabetismo humano, propiciadas pela nossa cultura*, que não permitem às pessoas 'decifram' nem 'redigirem' a própria vida mediante os imensos recursos que o progresso apresenta atualmente. Tal entendimento passa a ampliar consideravelmente o número de excluídos. Aí encontram-se os que não sabem direcionar a própria vida, não sabem viver a fraternidade, desconhecem os próprios direitos, não sabem acompanhar as mudanças na sociedade. Especificamente há os *analfabetos pós-modernos* (incapazes de usar os recursos tecnológicos no cotidiano), os *analfabetos televisivos* (só conseguem ver, mas não ler), os *analfabetos do economês* (não entendem o vocabulário econômico do cotidiano), os *analfabetos políticos* (desinteressados do que afeta a sua vida).

Entretanto, embora mais raros, são apontados sinais positivos na educação, decorrentes de medidas de organismos do governo, da Igreja e da sociedade em geral, tais como: salário-escola, bolsa-escola, apadrinhamento de escolas, acompanhamento da escola pública por associações de pais, escolas comunitárias em parceria com governo e associações, esforço de escolas cristãs no campo da educação, proposta evangelizadora de escolas católicas.

Após detectar o conceito de educação que emerge do senso comum popular e apontar os principais dados estatísticos da educação, o texto-base, aprofunda-se na consideração das principais mudanças que ocorrem hoje na economia, na política, nos avanços científicos, nos meios de comunicação social, no trabalho, nas relações humanas, na ética e na cultura em geral e destacam a influência profunda que exercem sobre a educação.

As mudanças apontadas são radicais e estão configurando um mundo novo, como já alertava o Concílio Vaticano II,<sup>[3]</sup> e decorrem sobretudo da pós-modernidade, do neoliberalismo e da globalização. Idolatradas muitas vezes pelo ser humano contemporâneo, tais mudanças

apresentam ambigüidades e, por isso, requerem uma análise crítica. Elas condicionam a educação pelos valores e imagens de pessoa e sociedade que transmitem; pelo tipo de participação e das relações das pessoas; pelos objetivos, meios e técnicas que impingem.

Há sinais positivos nas mudanças: iniciativas de criatividade, cooperação e serviço; valorização da mulher, dos grupos étnicos e de minorias; sensibilidade ecológica; incremento da espiritualidade, do diálogo intercultural e inter-religioso. No entanto são muito mais abundantes e perversos os efeitos negativos das mudanças que afetam a vida e a esperança do povo, o que justifica a escolha do lema da Campanha.

O célere e fascinante progresso tecnológico apresenta-se como ilimitado, infindável, opressivo e despreocupado em beneficiar todos os seres humanos e todas as dimensões de suas vidas. Por conseguinte, a vida se banaliza, se 'anestesia' devido a comportamentos evitados de egoísmo, desencanto, superficialidade e passividade. Ela é moldada pelos meios de comunicação social. É aviltada por inúmeras e reiteradas formas de empobrecimento, violência, corrupção, discriminação. Conseqüentemente, as pessoas perdem personalidade, consciência crítica, capacidade de reação. Perdem esperança, demitem-se, degradam-se!

O texto-base recorda o alerta da ONU quanto ao círculo vicioso da 'miséria das capacidades': quanto mais os países marginalizados vão sendo excluídos do usufruto do progresso, menos capacidade demonstram para reagir e superar suas misérias.

As mudanças desafiam a educação

Na 2a. parte o texto-base julga a realidade educacional a partir de elementos bíblicos e pedagógicos numa postura antes prognóstica que retrospectiva, anunciando metas antes que denunciando males. Por isso, *A educação que queremos* é o subtítulo desta parte do documento. Os textos evangélicos são praticamente todos de Lucas, autor seguido no presente ano litúrgico C.

Convém notar que o documento *Educação, Igreja e Sociedade*, havia apresentado os elementos fundamentais para um projeto educativo no Brasil em torno de quatro eixos: elementos filosófico-antropológicos, elementos sócio-políticos, elementos teológico-pastorais e elementos pedagógicos. Este programa conserva a atualidade e o vigor para orientar a renovação pretendida.

Visto que as mudanças típicas da pós-modernidade implicam em massificação, despersonalização, marginalização, superficialidade, evasão, desencanto, etc., a Campanha reage ancorando o tipo de educação no princípio da personalização. A educação é, por isso, desafiada a uma tarefa contracultural: a de resgatar a pessoa da margem para o centro do desenvolvimento, da passividade para o protagonismo, da submissão ao progresso para a sua orientação, da descrença para a utopia, da acomodação para o engajamento. Trata-se de ajudar a pessoa a reconhecer-se digna e também responsável por promover a própria vida em todas as dimensões e, de igual modo, a vida dos seus semelhantes. No documento os bispos do Brasil decidem-se por uma "*educação personalizada, comunitária e aberta ao Transcendente*" (n. 90).

No documento *Educação, Igreja e Sociedade*, os bispos do Brasil buscaram na postura pedagógica de Jesus a inspiração para o enfoque personalizador da educação:

*"Jesus ensina sempre desde a vida quotidiana em toda a sua simplicidade. Ao mesmo tempo, suas parábolas têm sutileza, respeitam a inteligência e a acuidade de quem escuta... Jesus tem maneiras diferenciadas e progressivas de apresentar o Reino de acordo com a situação de cada interlocutor. Não tem receio de propor compromissos e exigências maiores, como no sermão da montanha. Parece querer chegar a cada pessoa a partir da realidade e percepção que essa tem do seu caminho...Ele revela uma atenção e acolhimento muito grande às condições psicológicas e espirituais de cada um deles [dos discípulos]..."* (n. 85).

São tão profundas e amplas as alterações em curso que nos encontramos numa mudança civilizatória, na expectativa do surgimento de um mundo novo. Por isso, entende a CNBB que este é o momento auspicioso para a educação formal e informal atualizar-se, a fim de colocar a vida humana como o conteúdo mais importante que as coisas. Importa aprender a viver em qualquer realidade, a conviver com os diferentes e a servi-los, a transformar-se para viver e servir melhor. Para isso faz-se mister *reinventar o papel dos agentes de educação* e mudar as estruturas que impedem ou solapam a vida e a convivência das pessoas. Pessoa e comunidade será o binômio a pervadir o novo tipo de educação vislumbrado pela Campanha.

Na revisão bíblica que faz nesta 2a. parte, o texto-base seleciona gestos educativos de Deus no Antigo Testamento e de Jesus no Novo Testamento baseados na personalização como meta e processo, não como um dado: "*Ao ser humano não basta existir, ele precisa criar, transformar, construir, fazer-se*" (n. 94). Por isso, na perspectiva cristã a pessoa é o critério para a determinação do projeto educativo, da escolha de conteúdos e metodologias e para a designação de recursos.

A seguir o texto-base, como que simulando uma competição entre as mudanças no mundo e as mudanças na educação, apresenta 17 aspectos que o processo educativo deveria incluir:

- 1 A educação para o mundo novo insiste na partilha do saber e da informação, corrigindo a *exclusão social* pela promoção humana.
- 2 Na educação não basta transmitir informações. Aprender é *pesquisar*, é trabalhar os dados inteligente e criativamente, por meio de sínteses, comparações e reelaborações.
- 3 A educação forma para a *cidadania* a partir de um processo educativo que seja, ele mesmo, cidadão, no qual o educando é o agente do próprio desenvolvimento.
- 4 Importa recuperar a dimensão social da educação para a *civilidade*, encarando-a como expressão de respeito e compromisso para com as pessoas, rejeitando a pecha que a trata como mera convenção social.
- 5 Diante da complexidade da *vida urbana* a caridade fraterna precisa revestir-se de expressões muito concretas e imediatas como o cultivo de boas relações de vizinhança; a preservação do bem comum: controle do consumo de água e de energia, reciclagem do lixo; o cuidado de equipamentos de uso comum; o comportamento em aglomerações e no trânsito, etc.
- 6 O *tempo livre* que surge das facilidades da vida moderna requer uma educação para que o seu aproveitamento seja sadio e fraterno.
- 7 A educação *interdisciplinar* permite uma consideração holística da realidade e a correção de uma visão fragmentária, típica da pós-modernidade.
- 8 Dado que educação é a humanização da pessoa, o desenvolvimento de todas as suas faculdades e a busca da verdade, e as notas características devem ser a satisfação e a *alegria*, não o sacrifício.
- 9 Uma visão integradora da educação encara a *corporeidade* como um conteúdo importante para o melhor desempenho da pessoa, sua relação com os demais e sua situação no mundo.
10. A educação da pessoa para o mundo novo encontra na *arte* uma mediação importante que a ajuda a expressar sua interioridade e a relacionar-se com o Transcendente.

11. A inconsciência e a insensibilidade *ecológicas* do ser humano podem ser superadas ao educá-lo para um pacto com a natureza e para um tratamento amoroso do planeta Terra, que é um organismo vivo, cuja saúde se extingue.

12. Assunto delicado, mas urgente, é a educação para o respeito às *diversas culturas* e a ajuda para os diversos grupos humanos decidirem com autonomia os elementos externos que convém integrar.

13. A Igreja católica encara como missão educar para o *ecumenismo* e o *diálogo interreligioso* em vista da união dos cristãos.

14. A *dimensão religiosa* faz parte da formação integral a ser oferecida, nunca imposta, à pessoa.

15. Para ser *integradora* entre fé e vida a educação religiosa requer um tratamento pedagógico e catequistas e educadores bem formados.

16. A *educação moral* alia-se à formação da espiritualidade para levar a ética cristã a todos os campos da vida humana.

17. Educar é sempre *alfabetizar*, ajudar a ler, em sentido amplo, os apelos de Deus nos textos, na vida, nas relações humanas, nas estruturas sociais e nos sinais dos tempos.

Instigando a agir...

Os bispos desejam que ocorram mudanças significativas no campo da educação, visto que assim também são as mudanças no mundo presente. É hora de incrementar a coerência entre o que se reflete, se prega, se diz e o que se faz efetivamente. Por isso, é muito sugestivo o subtítulo da 3a. parte do texto-base: *Encurtando a distância entre a proposta bíblico-pedagógica e a prática educativa*.

Para ser eficaz, o agir deve realizar-se na dupla dimensão: pessoal e coletiva, e manifestar-se em quatro níveis: 1) assistência imediata às necessidades do próximo; 2) promoção humana com vistas à autonomia; 3) engajamento na defesa dos direitos humanos e 4) mobilização em prol da transformação social.

Nesta 3a. parte o documento apresenta 20 conjuntos de ações - cada uma com desdobramentos - referentes aos diversos agentes e instâncias educativas da sociedade que haviam sido elencados na 1a. parte: pessoa do educando, família, entidades (Igreja, associações, movimentos, partidos, sindicatos, etc.), Estado, meios de comunicação social e instituições formalmente educativas (escola, universidade, etc.). Além disto os bispos conclamam as pessoas de bem, não apenas as da Igreja, para uma novidade: o engajamento em seis mutirões sobre a educação a nível nacional.

Na 3a. parte de *Educação, Igreja e Sociedade* os bispos tinham em vista colaborar no processo de elaboração na atual L.D.B. Por isso indicaram atitudes e posicionamentos a serem assumidos na área educativa, antes que ações detalhadas. Na sua última parte, o texto da Campanha de 1998 oferece um leque muito amplo, diversificado e concreto para as ações a serem empreendidas, fundamentando-se nas recomendações do anterior documento.<sup>[4]</sup>

As atividades propostas no texto-base de 1998 têm como foco central ajudar a pessoa a ser sujeito, protagonista, agente do seu próprio desenvolvimento, da sua humanização, da sua história e, ao mesmo tempo, dos demais. Essa visão da pessoa como sujeito da educação não transparecia na Campanha de 1982, mas foi desenvolvido com muita felicidade em *Educação, Igreja e Sociedade*.

O texto-base não entende ação apenas como fazer ou visibilizar algo. Além das atividades, a reflexão e a oração também são propostas como ações. O documento não sugere medidas espetaculares, de efeito global, de sofisticada elaboração, mas pequenas e imediatas ações a partir da rotina e da imediatez das pessoas e grupos. O importante é que

*"Cada grupo, comunidade local, porém, a partir das necessidades concretas, de experiências exitosas, se organize para adaptar e fazer acontecer estas iniciativas e outras que julgar mais prementes. É importante comunicar o que se faz, pois isso desencadeia uma rede de trocas, que muito estimula o apoio mútuo e o compromisso" (n. 195).*

A análise constante que a pessoa, as famílias, os grupos, as entidades, a Igreja, etc. fizerem dos procedimentos cotidianos e aparentemente 'desimportantes' da vida podem revelar características educativas deterioradas e inspirar modos de revertê-las. Diz o texto:

*"A CF-98 é uma boa oportunidade para cada família, escola, associação, paróquia rever seu jeito de ser comunidade, de se organizar, de trabalhar, de escolher lideranças, de avaliar, de celebrar...para que a experiência ali vivida eduque de fato para a...cidadania e a para a vivência cristã" (n. 169).*

Sem pretender descer aqui a pormenores das ações propostas, convém destacar alguns dos seus elementos principais.

Dado que o foco fundamental da educação é a personalização do ser humano, torna-se prioritário concentrar esforços dos diversos agentes da sociedade para ajudar a *família*, principal promotora daquele objetivo.

Educar a pessoa para viver a *dimensão comunitária* sugere que os organismos da sociedade revejam como eles mesmos a concretizam para que a manifestem em gestos concretos.

Diversas ações propostas partem do pressuposto de que toda pessoa é cidadã, é parte de um tecido social, é membro de um povo pelo qual deve se co-responsabilizar. Por isso, o texto-base conclama a escola e os grupos sociais a se mobilizarem em prol da *formação para a cidadania* porque sem ela *ficamos sem raízes e perdemos nosso chão* (n.170). Nas *eleições* deste ano a pessoa é chamada a mostrar-se livre e responsável na escolha conscienciosa de candidatos que se comprometam com a promoção da vida, sobretudo para os excluídos. O ser humano também expressa sua cidadania tomando iniciativas ou juntando-se a grupos voluntários para animar o processo educativo de intercâmbio de talentos e de prestação de serviços populares entre os habitantes da própria localidade.

Além de iniciativas concretas a nível pessoal e grupal, o texto-base estimula, diversas vezes, a organização das pessoas para exigirem junto às autoridades a aplicação da *nova LDB* e a garantia de *escola para todos*, com um *ensino de qualidade*, um *processo educativo atraente e libertador* e o *ensino religioso* como disciplina normal. A reivindicação da opinião pública deve dirigir-se também aos *meios de comunicação* para que apresentem programas estimuladores da vida e da solidariedade.

Após reconhecer as dificuldades que enfrenta a *escola católica*, o texto-base reafirma sua importância como um instrumento para a transformação do mundo e conclama a comunidade cristã a ajudar as escolas da Igreja a evidenciarem seu caráter evangelizador.

Aproveitando um dos aspectos positivos da pós-modernidade, a rede de relações humanas, o texto-base não propõe apenas ações a serem realizadas a nível pessoal, mas também aquelas que estabeleçam referência, ligação e parceria com outras que existem na sociedade em vista do aprimoramento da educação. As diversas iniciativas, instituições e organizações não

governamentais direcionadas aos empobrecidos, à justiça e à paz merecem fortalecimento e colaboração. Os bispos justificam:

*"É tarefa cristã valorizar e colaborar, também, com os movimentos populares e as Organizações não governamentais (ONGs), sempre que estejam a serviço da vida e da justiça" (n. 184).*

Também a instituição-Igreja, por ser um reconhecido agente educativo, precisa repensar a qualidade educativa das suas relações, dos seus procedimentos, dos serviços e das celebrações, do público-alvo, e educar seus membros.

Além do conjunto de 20 ações que propõe para revitalizar o processo educativo escolar e extra-escolar, a Campanha apresenta seis mutirões a serem realizados a nível nacional: 1) oferecer aos 19 milhões de analfabetos no Brasil uma *alfabetização* não apenas funcional, mas cidadã; 2) garantir que *todas as crianças* entrem e permaneçam *na escola*; 3) constituir *monitores voluntários* para orientar a melhor utilização dos meios de comunicação educativos; 4) criar *oficinas de troca de saber* nas comunidades e *grupos cooperativos* de alunos nas escolas; 5) promover a *economia solidária* mediante a educação e a qualificação profissional e gerencial; 6) implantar e/ou reforçar a *Pastoral da Educação*, mais ampla que a educação formal, em todas as dioceses.<sup>[5]</sup>

Especificamente: a ação pela renovação da escola

O texto-base da Campanha de 1982 concentrou-se na educação institucional, apresentando, por isso, uma crítica mais contundente sobre os vícios da escola (n. 2.7), as limitações impostas aos professores (n. 2.9) e a nefasta influência dos meios de comunicação (n. 2.4). Sua descrição da escola ainda parece bastante válida:

*"A escola reproduz em seu interior as mesmas características da sociedade. Tende a dar mais importância à transmissão de conhecimentos, abafando o espírito crítico. Identifica de maneira quase exclusiva a cultura com o saber de grupos dominantes. Desenvolve mecanismos de submissão e despersonalização. Privilegia a competição e não a solidariedade. Descuida, principalmente na zona rural, as realidades específicas de cada região. Além disso, o excesso de burocratização apresenta-se como sério obstáculo à originalidade das instituições de ensino. Em algumas áreas, a inversão de capital privado na educação transforma as escolas em empresas com objetivos de lucro" (n. 2.7.1).*

Na Assembléia de 1992 os bispos brasileiros notavam que

*"As escolas vivem em seu interior os reflexos das crises político-econômico-sociais de nosso país. Não conseguem oferecer uma verdadeira educação, ou por falta de um projeto que as identifique como escola, ou por contradições internas provenientes da visão de educação, de homem e de sociedade, ou por interferências de interesses políticos" (n. 18).*

O texto-base da presente Campanha nota como a exacerbação do mercado e da eficácia tecnológica têm desviado a escola, como a família e os meios de comunicação, da preocupação com a formação moral e religiosa das pessoas. As transformações sociais têm de tal modo desestabilizado a família que esta se demite do seu direito e dever de educação dos filhos. Esta passa a ser delegada à escola em caráter supletivo, e não apenas complementar, como acontecia antes. Decorre destes fatores o processo seletivo e afunilado, *gerando alunos reprovados (e por isso humilhados), uma população de analfabetos excluídos, uma massa de gente sobrando, passiva ou revoltada* (n. 81).

As sugestões de ações da *Campanha da Fraternidade de 1982*, do documento *Educação, Igreja e Sociedade*, de 1992, e as da Campanha de 1998 a respeito da escola apresentam semelhanças,

embora com ênfases diversas, e por isso esta não viu necessidade de detalhá-las no presente texto.

O elemento que pervade as propostas de ação nos três documentos é a aplicação da educação evangélico-libertadora, especificada de diversos modos conforme o contexto no qual eles foram produzidos. Tal coerência de pensamento da Igreja recomenda-nos considerar sinoticamente esses documentos, pelo menos na parte referente ao agir.

O documento *Educação, Igreja e Sociedade* (n. 111) recordava os principais indicadores do caráter evangélico-libertador da escola católica, formulados na conferência episcopal de Medellín, trinta anos atrás: 1) propicia excelente formação técnica e científica unida ao estímulo à solidariedade e à transcendência; 2) expressa a dimensão comunitária na aplicação dos recursos, nos procedimentos administrativos, no fomento da cidadania e da participação, na inserção na comunidade local; 3) elabora seus projetos de forma participativa; 4) luta com outros grupos pela educação para todos; 5) rejeita a mercantilização da educação; 6) oferece elementos básicos do ensino e da vivência da fé católica.

A Campanha de 1998 sonha com a escola católica *evangelizadora*, isto é, a que visibiliza o perfil acima descrito. É uma escola onde os valores do Evangelho não só constam do projeto educativo como manifestam-se no clima, no ambiente e nas relações entre as pessoas. Trata-se da escola que proporciona o *ensino social da Igreja*, especialmente sobre a justiça e a paz. Essa escola manifesta sua eclesialidade ajudando a *formar os educadores católicos* numa dimensão missionária e colaborando com a Pastoral da paróquia e da diocese. A escola expressa sua *opção preferencial pelos pobres* destinando-lhes recursos *ainda mais do [elas] que já o fazem* (n. 175). E, finalmente, a escola engaja-se na *erradicação do analfabetismo* no país.

A opção pelos pobres é compreendida como alvo e como ótica. No dizer dos bispos "*constitui um ponto de referência pedagógico e pastoral indispensável para a ação educativa da Igreja*", "*a inspiração de fundo do serviço educativo que a Igreja presta à sociedade*" (EIS, 95).[6] Mais do que uma opção, esta atitude por inspirar-se na atitude de Jesus, 'obriga' todo aquele que se batizou no seu processo.

O texto-base preocupa-se também com a *valorização* e a *formação* integral de educadores evangelizadores, peças-chaves que são na implantação da nova educação nas escolas, propondo a criação de um fórum permanente para tratar destas questões.

Urge uma 'conversão' da escola, de modo que ela não sucumba à tentação de um ensino transmissivo, despersonalizado, e tampouco à de fornecer mão de obra qualificada para o mercado de trabalho. Por isso, a Campanha da Fraternidade recomenda às cerca de 1.300 escolas geridas pela Igreja avaliarem-se, de modo específico, em seis aspectos: 1) o investimento na educação; 2) sua identidade dentro da realidade brasileira; 3) a metodologia empregada no serviço à pessoa e à sociedade; 4) os esforços para assegurar educação para os excluídos; 5) o desempenho das pastorais educacionais específicas; 6) o compromisso para reverter o analfabetismo.

É ilusória a pretensão da escola para trabalhar sozinha, como uma ilha, desconectada dos demais agentes educativos, absorvida pelo cotidiano, mesmo sob a excusa do acúmulo de tarefas. Dessa forma a escola arrisca-se a ver seu trabalho educativo abafado por outras influências educativas. Qual escola pode desejar colher os frutos de uma educação em valores se prescinde da parceria com os pais dos alunos, se se acovarda diante dos meios de comunicação social, se idolatra os recursos tecnológicos? O texto-base havia sugerido na 2a.parte que na era das redes, o mundo exige relações e parcerias a serem estabelecidas pelas escolas entre si e com as instâncias da Igreja e da sociedade.

Por outro lado é também mero sonho esperar que, investida da função de protagonista da própria educação, a pessoa sozinha se desenvolva integralmente e passe a servir os demais. Ela precisa, sim, compenetrar-se da sua dignidade, da sua cidadania, e da 'hipoteca social' que implica a sua formação, mas para tal deve aprender a ler criticamente a realidade e a associar-se com outras instâncias e grupos da sociedade e juntos trabalhar pela educação evangélico-libertadora. Pessoa e comunidade é a proposta que o documento nos apresenta!

Educação personalizadora: um projeto em ação

Uma proposta de 'encurtamento da distância' entre o ideal educativo evangélico-libertador e a prática escolar tem sido aplicada nesta década em pelo menos 25 escolas católicas da região sudeste. Trata-se do enfoque do pedagogo jesuíta francês Pierre Faure, falecido há dez anos, após ter desempenhado na França, durante cerca de 60 anos, diversos papéis na educação: professor de pedagogia, fundador e diretor de três centros de formação de docentes, de uma escola experimental, de várias revistas, autor de dez livros - um em português (Faure, 1993) - e mais de uma centena de artigos, orientador de sessões pedagógicas de duas semanas em mais de quinze países. O Brasil foi o país que Faure primeiro e mais vezes visitou a partir dos anos 50, tendo inspirado alguns colégios católicos a elaborarem o projeto de 'classes experimentais'. [7]

Antes que uma receita, uma prescrição, o legado de Faure é uma proposta que alia a educação em valores à excelência acadêmica na sala de aula. Procura formar o aluno de acordo com os princípios de autonomia, liberdade, atividade, criatividade, sociabilidade e transcendência no decorrer do próprio processo de aprendizagem. Atitude fundamental do educador nesse enfoque é a consideração respeitosa, confiante, esperançosa e estimuladora do aluno para que se torne sujeito do processo de seu pleno desenvolvimento e dos demais. Convertido da postura magistral e autoritária de certo ensino tradicional, o papel do professor nesta dinâmica escolar é falar menos e deixar o aluno trabalhar mais. É assegurar-lhe o clima de trabalho pessoal, sozinho e em grupos, e fornecer os instrumentos adequados para ele construir o conhecimento a partir de pesquisa, consulta e partilha com os colegas e educadores. Inverte-se a ótica da programação escolar, que busca se adequar de modo lógico e pedagógico ao contexto dos alunos, ao seu modo e ritmo de aprendizagem.

Para favorecer a dinâmica personalizadora a escola, sem necessidade de recorrer a meios sofisticados, reorganiza o calendário letivo e a duração das aulas, a disposição física e a composição da classe, a biblioteca e material de pesquisa, o clima e o ambiente escolar.

Conforme o testemunho de pais e educadores, o aluno educado de modo personalizado revela organização pessoal, iniciativa, desembaraço, espontaneidade, consciência crítica, cultivo da espiritualidade e serviço aos demais.

Considerações finais

Educar é promover a humanização do ser humano, ou seja, o pleno desenvolvimento de suas capacidades para que viva em plenitude e para sempre. A vida é a meta a atingir em qualquer programa ou ato educativo! A preparação para os exames vestibulares, a capacitação para o exercício de uma profissão, o traquejo na convivência social, etc. são fins desejáveis, mas subordinados ao fim último e maior que é a vida do ser humano, em todas as suas dimensões. Educar é, portanto, muito mais que instruir!

A 'cultura de morte' é um atentado contra a educação por contradizer a vida que ela persegue. A educação hoje, mais que nunca, é instigada a reagir incrementando a 'cultura da vida', uma vez que esta é o melhor bem dado por Deus ao ser humano.

Mas como toda educação decorre da teoria e da prática; do conceito, da palavra e do exemplo; da afirmação e do exercício, educar para a vida será organizar qualquer processo educativo que manifeste a vida transpareça nos objetivos educacionais, nos conteúdos, nos meios didáticos, nas relações entre agentes educativos e educandos, na organização da instituição educativa. A vida que toda educação deve pretender não é apenas a sua meta, mas torna-se o seu conteúdo, o seu método e o seu clima. Desta forma os educandos poderão sentir a vida, refletir sobre ela, apreciá-la e comprometer-se com ela vendo o testemunho que dela dão seus colegas e educadores.

Tão urgente é a substituição da 'cultura da morte' pela 'cultura da vida' que o Papa João Paulo II (1995) faz pouco lançou uma longa carta encíclica intitulada *Evangelium Vitae*, sobre o valor e a inviolabilidade da vida humana. Ao convocar todos os segmentos da sociedade a essa tarefa diz:

*"...que ninguém se sinta excluído: todos têm um papel importante a desempenhar. Ao lado da tarefa das famílias, é particularmente valiosa a missão dos professores e dos educadores. Deles está em larga medida dependente a possibilidade de os jovens, formados para um autêntica liberdade, saberem preservar dentro de si e espalhar ao seu redor ideais autênticos de vida, e saberem crescer no respeito e ao serviço de cada pessoa, em família e na sociedade"* (p. 136).

A esperança, proposta pela Campanha não tem nada a ver com resignação ou conformidade. É um dom de Deus que mobiliza o ser humano, crente no seu amor e poder, a envidar todos os esforços para superar o que ameaça ou compromete seu desenvolvimento pleno.

Dado que a educação é uma realidade que atinge e interessa todo ser humano, os bispos do Brasil, sem cair no 'otimismo pedagógico' de anos passados, nem no entendimento da escola como 'redentora' da humanidade, propõem a educação como um corretivo importante para a exclusão a que tantos irmãos nossos estão submetidos.

A consideração da educação como prioridade nacional está exigindo uma *radical mudança de mentalidade*, dizia a CNBB em 1992 (n. 99), em vista do estabelecimento de um processo educativo novo. A mudança requerida à escola é cultural. Mais do que técnicas e equipamentos,

*"é preciso ir a fundo e questionar os sentidos e significações, os valores e critérios, a própria visão de mundo subjacente às expressões de ação e comunicação da sociedade que quer educar"* (Azevedo: p. 18).

A localização da Campanha no contexto da nova evangelização conclamada pelo Papa João Paulo II, sugere que, como esta, o processo educativo visibilize *novo ardor, novos métodos e novas expressões*.

Educar-se para incluir-se e para incluir a todos é o grande e urgente mutirão que nos toca organizar já!

#### Referências bibliográficas

*A serviço da vida e da esperança. Texto-base CF-98.* Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, São Paulo. Ed. Salesiana Dom Bosco, 1998. 142 p.

*A verdade vos libertará. Campanha da Fraternidade de 1982.* Brasília, CNBB, 1981.

AZEVEDO, Marcello de Carvalho. Presença da Igreja na Educação. In: *Educação: exigências cristãs*. Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, São Paulo. Ed. Paulinas (Col. Estudos da CNBB, 63), 1992: p. 18.

CONCLUSÕES de Medellín sobre Educação. In: Documentos da Igreja sobre Educação. Rio de Janeiro, Associação de Educação Católica do Brasil (Cadernos da AEC do Brasil, 9), 2.ed. pp. 41-50, 1978.

CONSTITUIÇÃO Pastoral Gaudium et Spes sobre a Igreja no mundo de hoje. In: *Documentos do Vaticano II. Constituições, Decretos e Declarações* (1966). Petrópolis, Ed. Vozes: 137-252.

*Educação: exigências cristãs*. Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, São Paulo. Ed. Paulinas (Col. Estudos da CNBB, 63), 1992, 146 p.

*Educação, Igreja e Sociedade*. Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, São Paulo, Ed. Paulinas (Col. Documentos da CNBB, 47), 1992, 86 p.

FAURE, Pierre (1993), *Ensino personalizado e comunitário*. São Paulo, Ed. Loyola, 1993, 103 p.

JOÃO PAULO II (1995), *Carta Encíclica Evangelium Vitae, sobre o valor e a inviolabilidade da vida humana*. São Paulo, Ed. Loyola. 148 p.

KLEIN, Luiz Fernando (1997), *O atual paradigma pedagógico dos jesuítas e a proposta de Pierre Faure: educação personalizada e solidariedade*. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo (S.P.), 382 p.

\_\_\_\_\_. (1998). *Educação personalizada: desafios e perspectivas*. São Paulo, Ed. Loyola, 219 p.

*Para uma pastoral da educação* (1986). Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, São Paulo. Ed. Paulinas (Col. Estudos da CNBB, 41), 137 p.

Bibliografia sobre a *Campanha da Fraternidade de 1998*

A SERVIÇO da vida e da esperança. Texto-Base. Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). São Paulo, Ed. Salesiana Dom Bosco, 1998. 142 p.

A SERVIÇO da vida e da esperança. Texto de estudo e trabalho dedicado às crianças. Associação de Educação Católica do Brasil, Brasília, Ed. Salesiana Dom Bosco (Cadernos da AEC do Brasil, 69), 1997. 48 p.

A SERVIÇO da vida e da esperança. Texto de estudo e trabalho dedicado aos adolescentes. Associação de Educação Católica do Brasil, Brasília, Ed. Salesiana Dom Bosco (Cadernos da AEC do Brasil, 70), 1997. 56 p.

A SERVIÇO da vida e da esperança. Texto de estudo e trabalho dedicado aos jovens. Associação de Educação Católica do Brasil, Brasília, Ed. Salesiana Dom Bosco (Cadernos da AEC do Brasil, 71), 1997. 47 p.

A SERVIÇO da vida e da esperança (Fraternidade e Educação). In: Grande Sinal, vol. 52: 7-22, jan/fev.1998.

CARON, Lurdes. Uma Campanha da Fraternidade para tratar da Educação. In: *Vida Pastoral*, São Paulo, Ed. Paulus, n.199: 2-9, março/abril 1998.

FRATERNIDADE E EDUCAÇÃO. Introdução à Campanha da Fraternidade 'A serviço da vida e da esperança'. Rio de Janeiro, Comissão Arquidiocesana da Campanha da Fraternidade, 1998. 24 p.

FRATERNIDADE E EDUCAÇÃO (I). In: *Vida Pastoral*, São Paulo, Ed. Paulus, n.198, jan./fev. 1998.

FRATERNIDADE E EDUCAÇÃO (II). In: *Vida Pastoral*, São Paulo, Ed. Paulus, n.199, março/abril 1998.

GIANNELLA Júnior, Fulvio. Passaporte para a cidadania. In: *Família Cristã*, São Paulo, Ed. Paulinas, n.746: 16-20, fevereiro de 1998.

KLEIN, Luiz Fernando. *A serviço da vida e da esperança: Campanha da Fraternidade de 1998. Roteiro de leitura*. Curso para a AEC/PR, Curitiba: 19 e 20 de fevereiro de 1998. Mimeografado, 11 p.

LIBÂNIO, João Batista. Educação e a campanha da fraternidade de 1998. In: *Mensageiro do Coração de Jesus*, São Paulo, Ed. Loyola, n. 1158: 34-36, março 1998.

\_\_\_\_\_. Educar na modernidade e pós-modernidade. A propósito da Campanha da Fraternidade de 1998. In: *Vida Pastoral*, São Paulo, Ed. Paulus, n.198: 21-26, jan/fev. 1998.

MESTERS, Carlos. *Círculos Bíblicos. Fraternidade e Educação a serviço da vida e da esperança*. São Paulo, Ed. Paulus, 1997, 62 p.

NERY, Israel José. Educação e fraternidade: A CF-98. In: *Convergência*, Brasília, Conferência dos Religiosos do Brasil, n. 309: 10-20, jan/fev. 1998.

---

[1] Sacerdote jesuíta, doutor em educação, pesquisador do *Centro Pedagógico Pedro Arrupe* (Rua Bambina, 115 - Rio de Janeiro - R.J. - Tel: 539-1622).

[2] Educação, família e trabalho são os três únicos temas que se repetem nos 35 anos de história da Campanha da Fraternidade. A família foi tratada em 1977 sob o lema *Comece em sua casa*, e em 1994: *A Família, como vai?* O trabalho foi enfocado em 1978 como *Trabalho e justiça para todos* e em 1991 sob o lema: *Solidários na dignidade do trabalho* e voltará em 1999 a respeito do desemprego.

[3] De modo especial através da Constituição Pastoral: *A Igreja no Mundo de Hoje* (Gaudium et Spes).

[4] No documento *Educação, Igreja e Sociedade* (n. 99 a 114) os bispos recomendavam: defesa de educação de qualidade para todos; elaboração participativa de uma política educacional; cidadania como meta e como método educativo; valorização da memória cultural e da capacidade criativa do povo; desenvolvimento da capacidade crítica diante dos M.C.S.; revisão do processo de intervenção dos movimentos e serviços junto às minorias; defesa do direito e do dever da família em educar seus filhos; integração do ensino religioso no currículo; financiamento do poder público para o ensino fundamental nas escolas estatais e comunitárias; valorização do educador; vivência serena e adulta das tensões no campo educacional; apoio às instituições educacionais católicas coerentes com sua identidade evangélica; orientação do ensino superior para o serviço da pessoa

e a transformação da sociedade; embasamento da ação pastoral da Igreja na comunhão e participação; criar ou reforçar a Pastoral da Educação nas paróquias e dioceses.

[5] A CNBB ofereceu importantes subsídios sobre este tema em *Para uma pastoral da educação* (1986). Define-a como "*conjunto dos esforços orgânicos e sistemáticos que o Povo de Deus faz para refletir e pôr em prática a mensagem evangélica esuas exigências na educação. É a presença e a ação da Igreja, proclamando e construindo o Reino no e através do mundo da educação*" (p. 34).

[6] Indicamos desta forma o documento *Educação, Igreja e Sociedade*.

[7] Na minha tese de doutorado em pedagogia (Klein, 1997) apresento este enfoque pedagógico com uma pesquisa documental e de campo e uma ampla bibliografia. Em *Educação Personalizada: desafios e perspectivas* (Klein, 1998) apresento dois capítulos deste trabalho.